



Publicado em 29/01/2026 - 09:56

Estudo feito no Paraná é o primeiro a indicar recuperação da memória de pacientes com Alzheimer após tratamento com cannabis medicinal

Pesquisadores da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Unila) concluíram que os pacientes que receberam extrato com THC e CBD não só tiveram redução dos sintomas, como tiveram resultados melhores em testes de memória.

Por Rodrigo Matana*, Mariah Colombo, Douglas Maia, g1 PR — Curitiba

Um estudo liderado por pesquisadores da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Unila), em Foz do Iguaçu, no oeste do Paraná, indicou que a cannabis medicinal pode ajudar no tratamento do Alzheimer em pessoas idosas.

A pesquisa foi realizada com 28 voluntários com idades entre 60 e 80 anos e durou cerca de seis meses. Os resultados apontaram que a aplicação do extrato com 0,350 mg de tetraidrocannabinol (THC) e 0,245 mg de canabidiol (CBD) — dois compostos químicos presentes na cannabis — trouxe resultados significativos no tratamento de sintomas da degeneração causada pela doença.

Segundo os cientistas envolvidos, os pacientes que receberam o tratamento com as substâncias não só tiveram redução nos sintomas, como também apresentaram um avanço mais lento da doença e melhores resultados em um teste de memória, quando comparados aos pacientes que não receberam o tratamento. Os pesquisadores acreditam que isso pode indicar uma restauração de parte das células prejudicadas.

De acordo com os cientistas, esse é o primeiro ensaio clínico do mundo a comprovar que os compostos químicos da planta são eficazes para melhorar a memória em pacientes com a doença. Isso foi possível por meio de um teste de memória feito tanto pelos pacientes que receberam o tratamento, quanto pelos que receberam o placebo.

"Como universidade e como academia, nosso objetivo principal e função é buscar e gerar conhecimento para a sociedade. Nós estamos demonstrando que a cannabis tem potencial e pode tratar o Alzheimer", afirma o professor Francisney do Nascimento, que coordenou o estudo e lidera o Laboratório de Cannabis e Psicodélicos (LCP) da Unila.

Nair Kalb Benites, de 76 anos, foi uma das pacientes tratadas pelos pesquisadores da Unila. Segundo o filho, Nestor, de 54 anos, houve grande melhora. "Ela era agitada, nervosa, irritada. Qualquer coisa estava brigando, gritando. Hoje não, ela é bem tranquila, sossegada", diz.

Nair foi diagnosticada com Alzheimer em meados de 2017. Até então, segundo o filho, ela era conhecida pelo feijão que fazia no restaurante da família em Foz do Iguaçu.

Hoje, com o avanço da doença, o filho divide a vida entre os cuidados com a mãe e o trabalho em uma marmitaria.

Os primeiros sintomas do Alzheimer em Nair, segundo ele, foram percebidos por mudanças sutis em atividades cotidianas.

"A gente foi percebendo que ela começava a salgar mais a comida, esquecia e botava o sal de novo. Detalhes pequenos. Ela começava a ter menos paciência, gritava mais", conta Nestor.

O Alzheimer é uma doença degenerativa que causa a morte progressiva dos neurônios — células do sistema nervoso que levam sinais que permitem ao corpo controlar funções como raciocínio, movimentos e sensações. Dados divulgados pelo Sistema Único de Saúde (SUS) em 2024 apontam que 1,2 milhão de pessoas vivem com a doença no Brasil.

A morte celular leva à perda gradual de memória, raciocínio e autonomia dos pacientes. "É uma doença progressiva, tem uma piora cognitiva, comportamental, do sono. Não é só a perda da memória", explica o médico neurologista Elton Gomes da Silva, professor da Unila e responsável técnico pelo estudo.

De acordo com o Ministério da Saúde, o mal de Alzheimer representa até 70% dos casos de demência — grupo de sintomas que afetam o sistema cognitivo. A organização Alzheimer's Disease International (ADI) aponta que, até 2030, a demência vai afetar cerca de 78 milhões de pessoas em todo o mundo.

A doença não afeta só os pacientes, mas também a rede de cuidado ao redor dele.

Após a progressão da doença da mãe, Nestor viu a rotina dos dois mudar completamente. Por muito tempo, ele assumiu sozinho os cuidados da mãe, como banho, remédio, alimentação e sono. Hoje, ele conta com a ajuda de uma cuidadora profissional. Para o filho, o maior desafio é psicológico.

"Quando você cuida de um doente, você passa a ser paciente também. Você fica vulnerável, porque está fazendo o seu máximo e não consegue mudar a situação dela", desabafa.

Com a contratação da cuidadora, ele consegue usar parte do tempo para trabalhar na marmitaria, onde faz entregas. Foi durante uma dessas entregas, na Unila, que Nestor conheceu o estudo com os canabinóides [compostos químicos da cannabis] e decidiu inscrever mãe como voluntária no projeto de pesquisa.

Depois do início do tratamento, Nair ficou mais tranquila, menos agitada, mais paciente, dorme melhor e colabora com a rotina. Atualmente, o extrato usado para o tratamento dela é garantido pela universidade.

"Eu só sinto muito de a gente não ter conseguido isso antes. Eu acredito que, se a gente tivesse feito com mais antecedência, hoje ela não estaria nessa situação", afirma.

Pesquisa inédita

O estudo publicado em 2025 foi realizado em parceria com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), a Associação Brasileira de Apoio Cannabis Esperança (Abrace), e a Johns Hopkins University School of Medicine, nos Estados Unidos.

Os resultados publicados pelos pesquisadores foram obtidos por meio de um ensaio clínico do tipo duplo-cego, randomizado e com placebo. Ou seja, por seis meses, 14 pacientes tomaram o composto da cannabis e 14 usaram o placebo -- substância qualquer efeito.

Em um estudo duplo-cego, nem os voluntários, nem os pesquisadores sabem quem está recebendo o medicamento verdadeiro ou o placebo. Isso impede que expectativas dos pacientes influenciem as respostas e que os cientistas interpretem os resultados de forma enviesada. A "cegueira" só é quebrada ao final do estudo, depois que os dados são coletados.

Um dos diferenciais do tratamento da Unila foi a longa duração: 26 semanas, quase seis meses. Segundo os cientistas, estudos anteriores falharam ao avaliar

os pacientes por menos tempo ou por usarem doses muito altas ou muito baixas dos canabinóides.

"De forma inédita, é o primeiro estudo que mostra que, ao longo do tempo, os pacientes que recebem a cannabis recuperam memória, ganham pontos na escala cognitiva, enquanto os pacientes com placebo seguem o declínio natural da doença", afirma o coordenador do LCP.

Nascimento aponta para um fator em especial que pode influenciar o resultado das pesquisas de menor duração: a esperança. "O paciente demente, mas moderado, tem esperança. Ele se cuida mais, se protege mais, a família cuida mais", afirma.

Segundo o pesquisador, essa pode ser uma das explicações para o fato de que, até a décima segunda semana do estudo, tanto pacientes sob uso da cannabis quanto os que receberam o placebo apresentaram melhora.

"Ao longo do tempo, a gente vê que esse 'efeito de esperança' não se sustenta. O paciente [com placebo] segue declinando e com seis meses ele está bem pior nos testes", ressalta.

"Se [o estudo] fosse até 12 semanas, o resultado ia ser todo mundo melhor, inclusive com placebo. Por isso que outros estudos falharam, que utilizaram apenas oito, doze semanas", explica.

Além do período de testes, os pesquisadores da Unila continuam avaliando os pacientes após os seis meses de tratamento.

Recuperação da memória

De acordo com Nascimento, existem hoje quatro principais medicamentos para o tratamento do Alzheimer. Todos eles focam nos sintomas e no aumento da produção da acetilcolina, um neurotransmissor (mensageiro químico produzido pelas células nervosas) ligado à formação das memórias.

"São medicamentos com eficácia muito limitada. Em muitos pacientes não funcionam nada, ou quase nada, ou funcionam por alguns meses, mas a doença segue progredindo", aponta.

Os tratamentos que incluem compostos da cannabis ainda são considerados experimentais, com pesquisas em diferentes fases de testes pelo mundo.

O estudo com cannabis conduzido por Nascimento e Gomes da Silva parte de outra pesquisa, de 2022, que usou o óleo da planta em um único voluntário. O professor Francisney do Nascimento afirma que o extrato recuperou a memória do paciente "de forma espetacular".

"Ele [paciente] ganhou pontos no teste Mini-Exame do Estado Mental (MMSE), que é um teste de performance cognitiva, e se manteve por mais de dois anos", explica.

Apesar dos resultados positivos, a eficácia do tratamento ainda precisa de novos estudos – com grupos maiores de pacientes e acompanhados por mais tempo – para ser confirmada.

Segurança

Segundo o professor, o estudo de 2022 foi o primeiro na literatura mundial a mostrar que a cannabis poderia melhorar a memória de um paciente com Alzheimer. A pesquisa anterior, conforme ele, foi importante para o alcance dos resultados da pesquisa publicada em 2025.

"A gente praticamente estabeleceu [em 2022] qual era a dose que a gente ia utilizar e o ponto onde ele melhorava: era uma dose minúscula de cannabis e com redução muito grande de efeito colateral", explica o neurologista Elton Gomes.

O tetrahidrocanabinol (THC), presente no extrato usado pelos voluntários do estudo da Unila, é o canabinóide responsável pelo efeito inebriante da maconha.

A dose usada pelo estudo é de cerca de 0,3 mg. De acordo com Francisney Nascimento, ela precisaria ser 50 vezes maior para causar qualquer efeito psicoativo em um ser humano.

"A gente já trabalhou com centenas de pacientes e ninguém ficou com efeito psicoativo inebriante. São doses muito baixas, muito seguras", diz.

Os pesquisadores detalham ainda que não é possível o vício por meio do consumo de via oral, com gotas.

Além disso, o professor afirma que as doses reduzidas tornam o tratamento mais barato. Conforme ele, um frasco varia entre R\$ 200 e R\$ 300, mas dura cerca de um ano. "Além de ser funcional, pode ser muito barato, com acesso universal aos pacientes", diz.

"Ter algo muito bom, que quase ninguém tem acesso, não serve para nada ou quase nada", afirma Nascimento.

Para Nestor Benites, que sentiu no dia a dia de cuidado com a mãe os resultados do tratamento experimental, o preconceito com a cannabis também é um desafio a ser superado e pode impedir a ajuda a pessoas diagnosticadas com o Alzheimer e outras doenças.

"Esse preconceito tem que ser quebrado. 'Ah, é droga'. Todo medicamento é droga. Ela é uma droga que vem pelo bem, faz a diferença, ajuda muito as pessoas", diz.

Caminho até a farmácia

Hoje, Nestor tem acesso ao extrato da cannabis para o tratamento da mãe por meio da Unila, o que não é o caso da maioria dos pacientes com Alzheimer e outras doenças degenerativas.

"Só quem tem alguém com Alzheimer sabe o valor que tem a pessoa perto de você e você ver que ela está bem. Sem a Cannabis, hoje eu já não estaria mais com a minha mãe", diz.

Porém, o caminho para o tratamento chegar até às farmácias ou ao Sistema Único de Saúde (SUS), é longo. Antes de chegar ao consumidor, o extrato da cannabis desenvolvido pela Unila precisa se tornar um medicamento.

Para isso, uma empresa privada ou pública precisa solicitar à Anvisa a autorização para venda. "Nossos estudos reforçam ou reduzem a chance de erro dessas empresas", aponta Francisney.

Nesta quarta-feira, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) aprovou uma resolução que, segundo especialistas, é um passo importante para a ampliação do mercado de cannabis medicinal no país. A nova determinação estabelece regras restritas que permitem que empresas, universidades e associações de pacientes (pessoas jurídicas) façam o cultivo da cannabis medicinal no Brasil.

Além da legislação e da burocracia para a pesquisa, os cientistas enxergam outro obstáculo para o amplo acesso aos derivados medicinais da cannabis: como são moléculas, os canabinóides não podem ser patenteados.

"Não vale a pena uma indústria privada investir milhões em um ensaio clínico para demonstrar que funciona, se qualquer um depois pode vender", explica.

Pesquisa para as próximas décadas

Há outras pesquisas em andamento no Laboratório de Cannabis Medicinal e Ciência Psicodélica (LCP) da Unila.

Agora que já existem evidências de que a cannabis medicinal pode não apenas tratar os sintomas do Alzheimer, mas também retardar sua evolução e recompor neurônios prejudicados, os pesquisadores querem entender se os canabinóides podem ajudar a prevenir a doença.

Segundo os pesquisadores, o Alzheimer tem relação com a genética. Por isso, muitos pacientes com pais diagnosticados também acabam desenvolvendo a condição. O próximo passo do laboratório agora é investigar se os compostos da cannabis podem ter também papel na prevenção da doença.

"Se esse paciente começar a tomar cannabis todo dia, já com 50 anos, quando chegar nos 60, 70, 80, vai retardar o aparecimento da doença? Ou talvez não vai chegar a ter?", questiona Nascimento.

O estudo deve começar no ano que vem e pretende trabalhar com cerca de 100 voluntários. O objetivo é selecionar filhos de pais com Alzheimer ou pessoas com probabilidade de ter a doença e tratar o grupo com os canabinóides pelos próximos 20 anos.

Outra pesquisa, iniciada em 2024, também analisa o tratamento do Alzheimer pela cannabis medicinal durante seis meses, mas com doses diferentes e, dessa vez, em 70 pacientes voluntários.

*Com colaboração de Rodrigo Matana, estagiário do g1, sob supervisão de Mariah Colombo e Douglas Maia.

<https://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/2026/01/29/estudo-parana-recuperacao-memoria-de-pacientes-com-alzheimer-cannabis-medicinal.ghml>

Veículo: Online -> Portal -> Portal G1